

VERDADE INVENTADA

Entre Páginas

*Uma carta e três
pequenas pausas*



UMA LEITURA PARA LEVAR COM VOCÊ

SIMONE SELENKO

Para quem abriu estas páginas

Uma vez, encontrei um bilhete dentro de um livro emprestado. Dizia apenas: “Lembre-se de voltar aqui.” Não havia nome, data nem explicação. Fiquei pensando em quem o teria escrito e, principalmente, em quem precisava lê-lo.

Talvez algumas palavras funcionem assim. Aparecem quando estamos resolvendo mil coisas, olhando o relógio, atravessando a semana com a sensação de que esquecemos alguma coisa importante. A vida costuma ser barulhenta até nos dias silenciosos.

Preparei estas páginas como quem deixa uma cadeira disponível à mesa. Você pode ler tudo de uma vez, passar adiante, dobrar uma ponta, escrever nas margens. Não existe maneira correta de ficar alguns minutos com uma história.

Espero que alguma frase encontre um lugar em você. E, se nenhuma encontrar, que ao menos o tempo dessa leitura tenha sido seu.

Com carinho, Simone

PRIMEIRA PAUSA

O intervalo

Às quatro e vinte da tarde, a cidade mudou de som. Começou a chover, e o trânsito passou a se mover como uma fila de pessoas procurando lugar debaixo de uma marquise. Na cozinha, uma mulher colocou água para ferver. Era um gesto antigo e sem importância aparente.

Enquanto esperava, viu a própria imagem refletida no vidro da janela, misturada aos telhados molhados. Pensou nas mensagens ainda sem resposta, no armário que precisava organizar e na conversa que vinha adiando. A chaleira apitou. Ela desligou o fogo, escolheu uma xícara e ficou mais alguns minutos ali, ouvindo a chuva.

Quando voltou às tarefas, nada estava resolvido. Mas lembrava-se da cor do céu, da primeira brisa fria e do gosto do chá. Era pouco. Naquele dia, tinha sido suficiente.

SE QUISER, ESCREVA

Qual foi a última pequena coisa que você viveu sem tentar apressá-la?

SEGUNDA PAUSA

O que ficou fora da fotografia

No álbum de uma família havia uma fotografia quase perfeita. Todo mundo sorria diante de um portão branco. O cachorro olhava para o lado, uma das crianças estava sem sapato, e um canto da imagem fora atravessado pelo dedo de quem segurava a câmera.

Anos depois, quando aquela casa já tinha outros moradores, a fotografia voltou às mãos da filha mais velha. Ela não se lembrava do que haviam comido naquele domingo, nem da razão pela qual o pai estava tão sério antes do clique. Lembrava-se da irmã tentando convencer o cachorro a ficar parado. E da mãe, atrás da câmera, contando até três e começando de novo.

As lembranças raramente respeitam o enquadramento. O que permanece costuma acontecer nas bordas, onde ninguém teve tempo de ajeitar o cabelo ou preparar uma expressão.

SE QUISER, ESCREVA

Se você pudesse guardar um instante comum da sua vida, qual seria?

TERCEIRA PAUSA

Uma terça-feira qualquer

Ao limpar a bolsa, Teresa encontrou um papel em que anotara uma frase meses antes: “Quando tiver tempo, volto a desenhar.”

Reconheceu a caligrafia apressada, o ponto final muito forte, como se fosse uma promessa feita para alguém que estava longe.

Naquela terça-feira não havia tempo sobrando. O dia já tinha sido tomado por trabalho, mercado, um telefonema difícil e uma pia cheia. Ainda assim, ela tirou uma folha do caderno da filha, pegou uma caneta e desenhou a janela da cozinha. O primeiro traço saiu torto. O segundo também.

Não mostrou a ninguém. Guardou o papel entre as páginas de um livro e terminou de lavar a louça. Antes de dormir, voltou a olhar o desenho. A janela continuava torta. Pela primeira vez, isso não pareceu um motivo para interromper a tentativa.

SE QUISER, ESCREVA

Que vontade antiga merece ao menos dez minutos da sua próxima semana?
